

O Personalismo Freireano: a influência da Filosofia de Emmanuel Mounier

Freirean Personalism: the influence of Emmanuel Monier's Philosophy

Emerson de ARRUDA¹
João Clemente de SOUZA NETO²

Resumo

O texto analisa a influência de Emmanuel Mounier como uma das matrizes que estruturam a pedagogia de Paulo Freire. Tal perspectiva nos conduz a pessoa humana e ao engajamento político como categorias na compreensão do indivíduo, indicando uma metafísica transcendental como fundamento para a educação libertadora. O texto não tem o propósito de fazer um estudo das correntes que constituem o personalismo freireano, mas, estabelece uma reflexão “a partir da abordagem bibliográfica sob o viés da pesquisa qualitativa, tendo a hermenêutica de profundidade como caminho investigativo.” Tal movimento nos conduz às principais obras dos autores quanto a imbricação deste personalismo.

Palavras-chave: Personalismo de Mounier. Engajamento político. Educação libertadora. Paulo Freire.

Abstract

The text analyzes the influence of Emmanuel Mounier as one of the matrices that structure Paulo Freire's pedagogy. Such a perspective leads us to the human person and political engagement as categories in understanding the individual, indicating a transcendental metaphysics as the foundation for liberating education. The text does not have the purpose of making a study of the currents that constitute Freire's personalism, but it establishes a reflection "from the bibliographical approach under the bias of qualitative research, having depth hermeneutics as an investigative path." This movement leads us to the main works of the authors regarding the imbrication of this personalism.

Keywords: Mounier's personalism. Political engagement. Liberating education. Paulo Freire.

1 Doutor em História pela Universidade Federal de Mato Grosso (UFMT), e pós-doutorado e doutorando em Educação, Arte e História da Cultura pela Universidade Mackenzie. Mestre em Educação pela UFMT, É professor dos Cursos de Direito, Agronomia, Biomedicina, Ciências Contábeis, Enfermagem, Fisioterapia, e Otodologia pelo Centro Universitário Fasipe (UNIFASIPE) e professor de Filosofia, História e Sociologia do Centro Integrado de Ensino (CIE). Lattes: <http://lattes.cnpq.br/7087566045891730>. ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-6082-1212>. E-mail: arruda.emerson@hotmail.com

2 Doutor em Ciências Sociais, e pós-doutorado em Sociologia Clínica, pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUCSP). É professor adjunto, pesquisador e orientador no Programa de Pós-Graduação em Educação, Arte e História da Cultura e no Curso de Graduação em Pedagogia da Universidade Presbiteriana Mackenzie. Lattes: <http://lattes.cnpq.br/3200985522734291>. ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-3348-8316>. E-mail: joao.souza@mackenzie.br

Introdução

Senso de pertencimento, exercício teleológico, ação dialógica e a prática da fraternidade são paradigmas afetivos que constituem o comportamento de muitos indivíduos na compreensão dos seus lugares no mundo e no modo como constituem existencialmente relações sociais e políticos em seu tempo histórico.

Essas atitudes evidenciam que não nos limitamos a rigidez de nossos instintos, pelo contrário, o exercício de uma racionalidade crítica permite a existência de uma inteligência subjetiva com implicações interpessoais. De tal forma que há humanidade, a busca permanente por um sentido de vida e propósito, proporcionando a construção dialética de modelos hermenêuticos e éticos para a vida em comunidade.

Isso nos remete ao fato e à observação reflexiva de que o personalismo de Emmanuel Mounier se configura como uma perspectiva teórica que exerceu influência sobre visão educacional de Paulo Freire, visto que, o paradigma da identidade humana engajada politicamente reverberou nos escritos freireanos.

Sendo assim, o objetivo desse artigo envolve a análise do pensamento mounieriano e, principalmente, a compreensão de categorias desse horizonte epistemológico que exerceram influência na concepção de educação como prática da liberdade do educador brasileiro, Paulo Freire.

A filosofia Emmanuel Mounier: o personalismo

Emmanuel Mounier foi um filósofo francês de confessionalidade católica, crença que o acompanhou desde a sua formação infanto-juvenil até a morte. Para ele, todo o engajamento político e as possíveis transformações na história da sociedade estavam interligadas e deveriam ter como base central, a consciência do indivíduo como pessoa, cuja natureza humana é o resultado de um movimento dialético entre as dimensões espiritual e corpórea que presentificam a existência humana no mundo. Assim, a pessoa humana é a encarnação histórica e categórica de um projeto divino com proporções políticas, sociais e econômicas para a humanidade.

Nesse sentido, o homem não é visto como uma simples extensão da natureza, mas, como um indivíduo pessoal, cuja localização ontológica lhe

confere a possibilidade concreta de se inserir nos processos históricos, exercendo um papel político na transformação da realidade e evocando o princípio da liberdade, da comunidade solidária e da pessoalidade orgânica dos indivíduos.

Os seres humanos, independentemente de suas crenças e valores podem descobrir a autenticidade e a completude de sua identidade ontológica em Deus, em seus semelhantes e na relação com universo cósmico, construindo, deste modo, uma existência pessoal engajada, posto que, para ele:

[...] o homem é um ser natural, identificando-se, portanto, com o próprio corpo; aliás, o próprio espiritual é carnal, repete Mounier com Péguy. Mas o homem é, contudo, enquanto é um ser natural, e mais que um ser natural. Ele transcende sua naturalidade ontológica. Só ele é capaz de conhecer, de transformar, de amar, de ser livre, de usar do determinismo natural como instrumento de superação. Só ele é capaz de ação construtiva. A espessura da encarnação do homem não o impede de emergir da natureza e personalizar seu ser e o ser do mundo. A existência da pessoa é uma existência dialética, isto é, ela não é um dado definitivo. Por isso, não se reduz a uma natureza substancial, a um esquema fixo e rígido de ser. O personalismo é uma filosofia da pessoa: isto nada mais seria do que uma tautologia, se não se acrescentasse imediatamente que a referência é ao modo muito particular e à importância central que a existência pessoal ocupa um pensamento dado e às demais consequências que, a partir de centro significativo, conferem ao todo um profundo sentido filosófico (SEVERINO, 1974, p. 14-15 e 30).

A noção de pessoa proposta por Mounier entende que o homem é um ser natural, e sua corporeidade é um dos elementos estruturantes na construção de sua identidade, localização e papel na história. Sua percepção do espiritual não é dualística, mas, integral, pois, entende que a espiritualidade humana é o resultado dialético da união entre o invisível e o visível, somos uma encarnação concreta com um chamado especial: produzir mudanças significativas no mundo, pois:

O meu feito e a minha maneira de pensar são moldados pelo clima, a geografia, a minha situação à face do globo, a minha hereditariedade, e, talvez, até pela ação maciça dos raios cósmicos. Para além destas influências, temos ainda

posteriores determinações psicológicas e coletivas. Nada há em mim que não esteja imbuído de terra e sangue (MOUNIER, 1962, p. 7).

Na perspectiva de Mounier o processo de encarnação da pessoa humana é um convite cultural e socioantropológico a fim de que sejamos capazes de compreender e valorizar as singularidades concretas que atravessam a formação psíquica e histórica de cada sujeito. A materialidade do ser, isto é, sua natureza carnal, o corpo, não é um problema, ou uma espécie de depravação moral do indivíduo, pelo contrário, ela é parte de sua personalização e fator essencial na construção de si e do conceito de pessoa, pois:

[...] o corpo é meu primeiro próximo, o instrumento de aproximação de todo próximo, o intermediário-nato. Pode ser sofrido, ou mesmo levado, mas como um objeto, um meio-de um aparelho-para, e então se torna a mais entulhante, a mais opaca de minhas propriedades, aquela que me ofusca, ao mesmo tempo, a percepção das coisas de Deus, a compreensão de outrem, o conhecimento de si mesmo, e o gosto da vida pessoal. Ou então eu prefiro associá-lo, a título de cooperador, em meu esforço de liberação, por um ato que o salva e o faz participar de todas as dignidades que eu abordo (MOUNIER, 1971, p. 29-30).

O paradigma do corpo como um lugar de aproximação e de sensibilidade é sem sombra de dúvidas um elemento filosófico didático que proporciona um caminho de aprendizagem e ressignificação. A consciência que o sujeito pode ter da singularidade do seu corpo como meio lhe fraqueia uma relação de amor intrapessoal, reconhecendo-se como pessoa que é digna de afeto, marcada pelo autoconhecimento, pela noção de que não é uma mera extensão do meio, mas, experimenta uma comunhão cósmica com todas as coisas e, principalmente, com as pessoas. Amar a nós mesmos com consciência crítica nos faz perceber a diferença, a importância e o papel do outro no mundo e em nós, proporcionando uma relação comunicativa e de alteridade entre as pessoas.

É importante ressaltar que para Mounier essa dimensão ontológica não se estabelece como resultado de um movimento histórico e evolutivo de implicação meramente material, a partir do naturalismo filosófico. A pessoa humana é um ser que transcende a unicidade de uma determinada condição

ou esfera, e esse tipo transcendência pode ser visto no seu conhecimento, na transformação efetivada sobre o meio ambiente, nos seus sentimentos, suas crenças, suas disposições morais, na sua liberdade e na aplicação do seu senso de justiça, visto que:

Uma pessoa é um ser espiritual constituído como tal por um modo de subsistência e de independência no seu ser; ela alimenta essa subsistência por uma adesão a uma hierarquia de valores livremente adaptados, assimilados e vividos por uma tomada de posição responsável e uma constante conversão; deste modo unifica toda a sua atividade na liberdade e desenvolve, por acréscimo, mediante atos criadores, a singularidade da sua vocação, como imagem e semelhança de Deus (MOUNIER, 1967, p. 84).

A análise do ser humano como uma pessoa histórica envolve antes de tudo a compreensão de sua natureza dialética, em que subsistência e interdependência se correlacionam num processo valorítico de tomada de decisão. Neste caso, cada sujeito num exercício contínuo de liberdade e de sujeição autônoma desenvolve de modo consciente a singularidade sociopolítica do seu lugar e do seu papel no mundo como uma criatura divina mundaneizada.

Nesta reflexão, o paradigma de imagem de Deus no homem não pode ser interpretado como um imperativo categórico reducionista, ele singulariza a vocação da criatura que numa síntese divino-humana, presentifica o seu lugar no mundo, ocupando espaços, lutando para que toda pessoa seja tratada com dignidade e tenha a liberdade de viver e de ter a consciência dos valores de sua personalidade comunitária como atributos intrínsecos do seu ser.

Conhecer-se como pessoa humana inserida nos processos históricos com uma vocação livre e libertadora dá a cada indivíduo um tipo de percepção intelectual que lhe permite agir com consciência intencional na sociedade, percebendo o seu papel político na história e defendendo a dignidade humana contra qualquer espécie de totalitarismo, seja ele político, religioso, ideológico, econômico e intelectual, pois:

Todo aparelho legal, político, social ou econômico não tem outra missão última senão assegurar primeiro às pessoas em formação a zona de isolamento, de proteção, de jogo e de lazer que lhes permita reconhecer em plena liberdade espiritual essa vocação: em seguida, ajudá-las sem

constrangimento, a libertarem-se dos conformismos e dos erros de ajustamento; finalmente, proporcionar-lhes, pela coordenação do organismo social e econômico, os meios materiais necessários para dar a esta vocação o seu máximo de fecundidade (MOUNIER, 1967, p. 94).

Para Mounier, o aparato teórico, normativo e jurídico do liberalismo político-econômico está a serviço de um sistema meramente individualista, que por vezes, não promove mecanismos sociais para a edificação de uma economia de mercado humanitária. Pelo contrário, os indivíduos são tratados como instrumentos inanimados, suas identidades experimentam um processo de fragmentação e o tipo de educação que recebem tem como marca a pedagogia tecnicista e a educação para o consumo.

No personalismo de Mounier, todo aparato sob o domínio do Estado deve ter como parâmetro específico um modelo de economia solidária, assegurando aos oprimidos, o seu lugar de dignidade, liberdade, democracia, cidadania e de ascensão a fim de que essas pessoas recuperem a noção de que são livres, produtivas, e atores de todo processo político e socioeconômico.

Deste modo, tanto Mounier quanto Maritain entendem que o problema da maioria dos extratos filosóficos delimita a integralidade humana a determinadas particularidades. Para eles, o equívoco de qualquer sistema político, econômico e filosófico está no reducionismo ontológico, que não consegue perceber que:

É preciso descobrir dentro de nós, sob o amontoado das dispersões, o próprio desejo de procurar unidade viva, de longamente escutar as sugestões que ela murmura, de experimentar no esforço e na penumbra sem nunca estarmos absolutamente seguros de a possuir, o que, mais da qualquer outra coisa se assemelha a um chamamento silencioso numa língua que passamos a vida traduzir. A vocação é pois, para a pessoa, ao mesmo tempo unificação de si, de seu espiritual independente, recolhimento ao seu secreto, a intimidade, ao privado e abertura do mais secreto de si mesma à transcendência que a explica, sustenta, e chama, sempre conservando totalmente o uso de sua liberdade interior (MOUNIER, 1971, p. 63-64).

Segundo Mounier, o elemento central que constitui o sentido da existência de cada sujeito está no ato de compreendermos que a natureza humana tem como paradigma filosófico principal a unidade ontológica do ser. Num emaranhado de aspectos e de esferas que perfazem o homem é necessário que as pessoas entendam o paradigma da completude da pessoa humana. Isto é, somos seres integrais, e não multifacetados. Esse tipo de completude é um convite dinâmico e ontológico aos indivíduos a fim de que eles experimentem a consciência de que a identidade humana é marcada por um processo comunitário de unificação intrapessoal, interpessoal e intercósmica.

A aquisição dessa consciência produz enfrentamentos políticos e sociais, pois, colocam o sujeito como uma pessoa engajada no mundo, que luta pelo direito à liberdade e contra qualquer sistema que com seus aparatos ideológicos e racionalidades burocráticas firam a humanidade dos indivíduos, o lugar de cada pessoa no mundo e a aplicação da justiça social em cenários de violência e de desigualdade.

O conceito de engajamento em Mounier está interligado essencialmente à perspectiva teó-filosófica do mistério da encarnação do Filho de Deus. Mounier argumenta que de acordo com a tradição cristã, Jesus Cristo, movido por amor, veio à um mundo caótico, desigual, insensível e corrupto. No entanto, dedicou-se ao máximo para mudar esse cenário de alienação, ou seja, engajou-se, revelou um total empenho na execução de sua obra, a “sua mensagem era diretamente destinada para feliz arrumação do mundo” (MOUNIER, 1979, p.174), portanto:

Homens que tem medo de pular: eis o que nos tornamos homens educados a desconfiar do salto. Todos passam enquanto nós restamos parados na beira do abismo do futuro. Como aprender novamente a ter coragem de pular? [...] quem nunca sentiu o sangue ferver, não conhece a paz cristã. Quem nunca desejou se bater por aquilo que ama, ama só a metade [...] A minha filosofia nunca foi um ponto de chegada, mas um ponto de partida, e é no encontro com o homem ao longo das suas páginas, na fidelidade à sua iniludível vocação de homem da práxis que o podemos compreender como tal e apreender a sua dimensão (MOUNIER, 1976, p. 10; 1951, 137).

Esse tipo de compreensão filosófica serviu de parâmetro teórico e motivacional para que Mounier transgredisse o conformismo religioso,

intelectual e político do seu tempo. Todo o seu engajamento político era o resultado de sua vocação, que por sua vez, estava embricada na práxis, na coragem de se lançar, experimentando a sensação de que o sentido da vida está no ato de lutar pelas pessoas que são marginalizadas, excluídas e oprimidas por estruturas de poder. Para ele, o verdadeiro cristianismo não se limitava apenas a uma racionalidade litúrgica estática, ele é encarnação diária de uma ortopraxia sensível voltada para justiça social.

Foi esse princípio que levou Mounier e um grupo de intelectuais a lutarem contra as consequências da crise econômica e a ascensão do nazismo em meados do século XX, considerando, o valor absoluto de cada indivíduo como pessoa e, a partir desta categoria, criar um projeto de reorganização política da sociedade, pois:

[...] a filosofia personalista tem um diferencial no sentido de que “apela” para o engajamento. Ela engaja um engajamento. Para ela, o filósofo tem que ser simultaneamente profeta e pedagogo, respondendo pela denúncia, pelo anúncio e pelo encaminhamento de propostas de ação histórica. Não endossa o silêncio dos intelectuais, seja ele o silêncio da omissão ou não. Cobra necessária militância intelectual, não só pela análise fria e neutra, mas também pela crítica e pela proposta. Dos intelectuais, se espera um necessário compromisso político e que tenha discernimento competente e combatente. Essa fecundidade do Personalismo deriva de sua abrangência unificadora, de sua capacidade de fundar-se numa concepção integral da condição humana, superando tanto os reducionismos como os dualismos ontológicos que sempre marcaram a filosofia (SEVERINO, 2009, p. 158).

O personalismo de Mounier evoca o compromisso profético do engajamento que seja capaz de efetivar uma produção intelectual e operacional de denúncias contra tudo aquilo que anule a identidade e a fecundidade da condição humana, que é essencialmente pautada pela luta social. Isso significa que todo conjunto de ações políticas deve considerar o lugar do indivíduo no mundo sob a dimensão da integralidade do ser e não segundo os reducionismos ou dualismos ontológicos que perfazem determinados campos filosóficos, sistemas políticos, estruturas socioeconômicas e paradigmas educacionais.

De certa forma, isso proporciona a construção de uma responsabilidade social que tem como fundamento teórico uma

antropologia personalista de caráter transcendental que se encarna nos processos históricos, humanizando-se, e promovendo uma espécie de humanização política das realidades desumanas que se revelam nos contextos econômicos e sociais e culturais.

A relação de Paulo Freire com Mounier: engajamento político

Essa noção antropológica humanizadora pode ser analisada como um dos elementos que constitui o pensamento pedagógico de Paulo Freire no exercício de sua reflexão educacional, visto que para ele, cada indivíduo deve ser percebido e estudado como um sujeito no tempo que é desafiado a agir de maneira consciente, libertadora e comunitária nos diversos contextos sociais de exclusão, pois:

Na atualidade brasileira, as posições radicais, no sentido que lhes damos, vinham sendo assumidas, sobretudo, se bem que não exclusivamente, por grupos de cristãos para quem a “História” no dizer de Mounier, tem sentido: a história do mundo, primeiramente, e em seguida a história do homem. Esta é a primeira de quatro ideias fundamentais que Mounier, discutindo a questão de progresso, como um tema moderno, estabelece. A segunda é que esse movimento, referindo-se ao professo, vai de um impulso profundo, contínuo, para um impulso melhor, embora vicissitudes diversas lhe compliquem o curso e esse movimento é um movimento de libertação do homem. A terceira é que o desenvolvimento das ciências e das técnicas, que caracteriza a idade moderna ocidental e se espalha por toda a terra, constitui um movimento decisivo dessa libertação. A última, enfim, diz Mounier, é que nessa ascensão o homem tem a missão gloriosa de ser o autor da própria libertação. As posições irracionalmente sectárias, até mesmo de cristãos, não entendiam ou não queriam entender a busca de integração com os problemas tempo-espaciais do País, feita pelos radicais. Não entendiam a sua preocupação com o progresso de que resultasse a libertação do homem. Daí catalogarem esses radicais como desumanizadores do homem brasileiro (FREIRE, 1976, p. 51).

Ao discutir o cenário político da sociedade brasileira em tempos de transição, Freire parte da premissa de que o universo das relações é uma das esferas que singulariza a identidade do ser humano e o modo como ele se constitui historicamente. Assim, o homem trava uma espécie de interação simbólica com o mundo, transformando realidades objetivas num lugar de significação, transcendência e de humanização do meio, de si mesmo e dos outros.

Desta maneira, para que haja esse tipo de exercício é necessário que as pessoas não se ajustem ou se acomodem a estruturas políticas, econômicas e educacionais que instauram processos de alienação social. A proposta do educador brasileiro tem como paradigma a aquisição de uma consciência crítica que, imbricada a filosofia de Mounier, vê os indivíduos como sujeitos no mundo que podem efetivar protagonismos históricos transformadores considerando valor da dialética, da libertação e da integração.

Na leitura de Mounier, Paulo Freire potencializou conceitos como, libertação, desumanização e protagonismo histórico, mostrando aos brasileiros e, principalmente, à classe de trabalhadores do seu tempo, a importância de não limitarem suas histórias ao pragmatismo econômico, que por vezes, evidencia historicamente, apenas uma noção técnica e industrializada do mundo e, nesse sentido, os indivíduos devem efetuar um engajamento político, rompendo com a sua passividade social, promovendo uma relação comunitária dinâmica, uma vez que, “em Emmanuel, o liame entre pessoa e a comunidade é tão orgânico que tudo o que se diz da pessoa pode ser transposto e dito da comunidade” (FREIRE, 1976, p.51), permitindo-nos estar atentos ao fato de que:

A produção em série, como organização de trabalho humano é, possivelmente, dos mais instrumentos fatores de massificação do homem no mundo altamente técnico atual. Ao exigir dele comportamento mecanizado pela repetição de um mesmo ato, com que realiza uma parte apenas da totalidade da obra, de que se desvincula, “domestica-o”. Não exige atitude crítica total diante de sua produção. Desumaniza-o. Corta-lhe os horizontes com a estreiteza da especialização exagerada. Faz dele um ser passivo. Medroso. Ingênuo. Daí, a sua grande contradição: a ampliação das esferas de participação e o perigo de esta ampliação sofrer distorção com a limitação da criticidade, pelo especialismo exagerado na produção em série. A solução na verdade, não pode estar na defesa de formas antiquadas e inadequadas ao

mundo de hoje, mas na aceitação da realidade e na solução objetiva de seus problemas. Nem pode estar nutrido de um pessimismo ingênuo e no horror a máquina, mas, na humanização do homem. Apreciamos as análises de Mounier, neste sentido (Emmanuel Mounier - Sombras de Mêdo Sobre o Século XX.) (FREIRE, 1976, p. 89).

De acordo a perspectiva de Paulo Freire, a promoção de um novo tempo histórico para o desenvolvimento educacional de um país está conectada à compreensão política e social do papel de cada pessoa no processo de democratização. Esse tipo de consciência tem como desafio o entendimento da necessidade de um rito de passagem da transitividade ingênua à transitividade crítica, o que proporcionará à sociedade brasileira uma espécie de clarificação filosófica quanto à importância da educação para decisão, responsabilidade social e política.

Neste modelo de educação, o indivíduo encontra o significado de sua identidade política no vínculo afetivo da comunhão, o que lhe permite a construção de vínculos poéticos e comunitários que visa a transformação histórica de toda realidade socioeconômica e da própria educação. E por quê? Porque a racionalidade instrumental e a lógica de produção em série, massificam o comportamento humano reduzindo pessoas criativas, e existências culturais numa única identidade ontológica cultural alienada e que está a serviço da lógica da produção.

Freire, numa ação intercomunicativa com Mounier, percebeu que a estrutura empírica e ideológica do sistema econômico capitalista, por conta de sua lógica organizacional, conduz o ser humano à passividade metódica, à desumanização de si e dos outros, à introjeção do medo e distorção do seu senso crítico, pois, delinea a identidade do sujeito a partir da supervalorização da produção em série, da mecanização da realidade, dentre outros aspectos, massificando-o e arrancando-lhe sua particularidade e a sua liberdade de ser.

Outros elementos filosóficos que estruturam o personalismo de Mounier estão presentes na pedagogia freiriana. Nesse sentido, o conceito de engajamento político como uma demonstração de compromisso social que cada indivíduo deve ter, se estabelece como um dos primeiros paradigmas que interliga o educador brasileiro ao filósofo francês, pois, na perspectiva de Freire é:

Herdando a experiência adquirida, criando e recriando, integrando-se às condições de seu contexto, respondendo a seus desafios, objetivando-se a si próprio, discernindo, transcendendo, lança-se o homem num domínio que lhe é exclusivo – o da História e o da Cultura. A integração ao seu contexto, resultante de estar não apenas nele, mas com ele, e não a simples adaptação, acomodação ou ajustamento, comportamento próprio da esfera dos contatos, ou sintoma de sua desumanização, implica em que, tanto a visão de si mesmo, como a do mundo, não pode absolutizar-se, fazendo-o sentir-se um ser desgarrado e suspenso ou levando-o a julgar o seu mundo algo sobre que apenas se acha. A sua integração o enraíza. Faz dele, na feliz expressão de Marcel, um ser situado e datado. Daí que a massificação implique no desenraizamento do homem. Na sua destemporalização. Na sua acomodação. No seu ajustamento (FREIRE, 1976, p. 41-42).

Ao analisar o conceito de relações, Paulo Freire parte do pressuposto de que o homem não está apenas no mundo, mas constrói uma relação de transformação com ele, humanizando-se e, desta maneira, revelando o seu estado inacabado e transcendental. Esse tipo de localização ou status ontológico dá ao ser humano a habilidade criativa de produzir sentidos culturais e históricos, o que lhe permite vivenciar um processo de integração com o mundo e suas necessidades concretas. Isso significa que a acomodação na perspectiva freiriana envolve a produção de um ajustamento político que considere a aplicação da justiça social, caso contrário, estaremos suspensos ou desgarrados do mundo, de suas necessidades e fixos em nós mesmos.

A suspensão ou o estado de alienação experimentada pela sociedade brasileira nos dias do educador brasileiro foi de certa forma o resultado da ausência desse engajamento político preconizado por Mounier e criticado por Freire em suas falas, principalmente, quando no lugar de uma consciência crítica ao povo era ofertada o assistencialismo, que na ótica freiriana roubava do homem um dos direitos inalienáveis, o de sua responsabilidade; sendo necessário:

[...] ir ao encontro desse povo emerso nos centros urbanos e emergindo já nos rurais e ajudá-los a inserir-se no processo, criticamente. E esta passagem, absolutamente indispensável à humanização do homem brasileiro, não poderia ser feita nem pelo engodo, nem pelo medo, nem pela força. Mas, por uma educação que, por ser educação, haveria de ser corajosa,

propondo ao povo a reflexão sobre si mesmo, sobre seu tempo, sobre suas responsabilidades, sobre seu papel novo clima cultural da época de transição. Uma educação que propiciasse a reflexão sobre seu próprio poder de refletir e que tivesse sua instrumentalidade, por isso mesmo, no desenvolvimento desse poder, na explicação de suas potencialidades, de que decorreria sua capacidade de opção. Educação que levasse em consideração os vários graus de poder de captação do homem brasileiro da mais alta importância no sentido de sua humanização (FREIRE, 1976, p. 58-59).

O engajamento político proposto por Freire imputa sobre os indivíduos o princípio inviolável da responsabilidade social, convidando-os à experiência de uma humanização que só pode ser problematizada, desenvolvida e vivenciada pela educação reflexiva que tem como meta propiciar às pessoas a conscientização do seu potencial político, intelectual e humano.

Na pedagogia freiriana, o modelo de educação que pode construir uma reformulação histórica, sociopolítica e cultural da sociedade brasileira é aquele que esteja ligado politicamente ao movimento popular, posto que, a condição periférica dos oprimidos lhes dá condições existenciais de compreender e de aplicar valores como a liberdade, fraternidade e igualdade entre os homens.

No entanto, para que haja o acontecimento histórico de uma educação humanizadora é necessário que os sujeitos sejam capazes de ter uma reflexão radical sobre si mesmos e sobre as circunstâncias que operacionam processos de exclusão política e social, o que por implicação, permite-nos entender que:

A transitividade crítica a que chegamos com uma educação dialógica e ativa, voltada para a responsabilidade social e política, se caracteriza pela profundidade na interpretação dos problemas. Pela substituição de explicações mágicas por princípios causais. Por procurar testar os “achados” e se dispor sempre a revisões. Pela recusa de posições quietistas. Por segurança na argumentação. Pela receptividade ao novo, não apenas porque novo e pela não recusa ao velho, só porque velho, mas, pela aceitação de ambos, enquanto válidos. Esta posição transitivamente crítica implica num retorno a matriz verdadeira da democracia. Daí ser esta transitividade crítica característica dos autênticos regimes democráticos e

corresponder a formas de vida altamente permeáveis, interrogadoras, inquietas e dialogais [...] (FREIRE, 1976, p. 61-62).

Paulo Freire entende que o mundo com toda a sua complexidade histórica e formação existencial tem uma natureza fenomenológica em que os indivíduos, mesmo não tendo plena noção dessa constituição ontológica, são conduzidos por intencionalidades. Para ele, a consciência tem modos de existência que interferem na forma como significamos as coisas e, que por sua vez, trazem implicações para vida em comunidade.

Deste modo, a condição de consciência transitiva crítica é aquela que conduz o indivíduo ao pensar autônomo, comprometido e engajado, em que os ideais democráticos, a dialogicidade e a culturalidade são elementos importantes que participam da estruturação de uma práxis transformadora.

Essa noção de engajamento político foi um dos elementos essenciais na filosofia de Mounier, visto que para ele o indivíduo só se tornará uma pessoa humana completa na conexão ou harmonia integral com a realidade cósmica, encarnando-se historicamente como um ser concreto que tem consciência do seu papel político e comunitário como ator social nos processos históricos e dialéticos da sociedade.

A implicação lógica dessa concepção evoca o princípio de uma dialética existencial em que os indivíduos são convocados a assumirem papéis democráticos de interferência política, recriando cenários e conjugando novos paradigmas na configuração de um novo modelo político-social, posto que:

A conscientização, como atitude crítica dos homens na história, não terminará jamais. Se os homens, como seres atuam, continuam aderindo a um mundo feito, ver-se-ão, submersos numa obscuridade. A conscientização, que se apresenta como um processo num determinado momento, deve continuar sendo processo no momento seguinte, durante o qual a realidade transformada mostra um novo perfil. A conscientização nos convida a assumir uma posição utópica frente ao mundo, posição esta que converte o conscientizado em fator utópico. Para mim o utópico não é o irrealizável, a utopia não é o idealismo, é a dialetização dos atos de denunciar e anunciar, o ato denunciar a estrutura desumanizante, e de anunciar a estrutura humanizante. Por

essa razão a utopia é também um compromisso histórico (FREIRE, 1979, p. 14-15).

O paradigma da conscientização utópica freiriana reverbera a filosofia de Mounier ao ratificar o compromisso político e contínuo que as pessoas devem ter na efetivação de um senso crítico contra toda espécie de obscuridade, acomodação alienadora e estrutura desumanizante, que perfazem, muitas vezes, a natureza ideológica e burocrática de uma razão instrumental nas sociedades modernas. Portanto, é necessário que saíamos de uma consciência ingênua para uma consciência crítica, assumindo o nosso papel como atores nos processos que perfazem a história social do mundo, e assim, conquistando o nosso lugar como agentes políticos.

Deste modo, no desenvolvimento da análise em questão é possível encontrar uma série de conexões e perceber que o educador Paulo Freie, na construção do seu discurso pedagógico e efetivação de sua filosofia educacional, evidencia alguns aspectos da filosofia personalista, que por sua vez, entende que o conceito da pessoa humana engajada é o paradigma central na efetivação da leitura do mundo.

Considerações Finais

Um dos elementos centrais na pedagogia de Paulo Freie é o pressuposto teórico de que a educação não se constitui na esfera da solidão, pelo contrário, ela pode ser efetivada nas relações interpessoais e comunitárias no processo histórico, de tal modo, que o sentimento de fraternidade social é personificação do engajamento político que os indivíduos deveriam ter como pessoas conscientes.

O contato do educador brasileiro com o personalismo de Emmanuel Mounier permitiu-lhe construir e ratificar uma conjugação teórica de educação que considerou a existência do indivíduo como uma pessoa, cuja natureza ontológica é o resultado dialético entre as dimensões espiritual e terrena, isto é, o ser humano é um tipo de encarnação histórica marcado por compromissos políticos, sociais e econômicos.

Essa constituição de identidade pessoal traz como implicação imediata a possibilidade concreta de que as pessoas se insiram nos processos históricos e culturais efetivando uma ação política educacional de

transformação das realidades, que por vezes, são marcadas pela opressão e alienação sociais.

Para Freire, é na esfera da educação que encontramos um dos espaços formativos para a promoção da consciência crítica, mostrando aos alunos e a todos os atores presentes na escola que todos nós somos atores e atrizes com responsabilidades políticas e sociais, e portanto, temos um papel pedagógico de emancipação do mundo.

Educação e política não ocupam lugares distintos e distantes na construção do comportamento humano, pelo contrário, no processo de ensino-aprendizagem verificamos um dos maiores atos políticos, nele pode ser efetivado a edificação de um novo tempo histórico para a sociedade, para isso, é necessário, um sistema educacional engajado.

Referências

CORTELLA, M. S.; VENCESLAU, P. T. **Memória**: Entrevista Paulo Freire. Teoria e Debate, n.17, p. 38-39, jan./mar. 1992.

FREIRE, P. **Pedagogia do oprimido**. Rio de Janeiro: Editora Paz e Terra, 2013.

FREIRE, P. **Pedagogia do oprimido**. Rio de Janeiro: Paz e terra, 1987.

FREIRE, P. **Os cristãos e a libertação dos oprimidos**. Porto: Edições Base, 1978.

FREIRE, P. **Conscientização**: teoria e prática: uma introdução ao pensamento de Paulo Freire. São Paulo: Cortez & Moraes, 1979.

FREIRE, P. **Educação e atualidade brasileira**. (Tese do concurso de História e Filosofia da Educação na Escola Belas Artes de Pernambuco, 1959. In: file:///C:/Users/arrud/Downloads/FPF_OPF_14_001%20(2).pdf.

FREIRE, P. **Educação como prática da liberdade**. Rio de Janeiro: Editora Paz e terra, 1976.

FREIRE, P. **A propósito de uma administração**. Recife: Editora Universitária, 1961.

- FREIRE, P. **Pedagogia da esperança: um reencontro com a pedagogia do oprimido**. São Paulo: Paz e Terra, 2014.
- GADOTTI, M. A voz do biógrafo brasileiro: a prática à altura do sonho. In: GADOTTI, M. (org.) **Paulo Freire: uma bibliografia**. São Paulo: Cortez; Instituto Paulo Freire; UNESCO, 1996. p. 69-115.
- GADOTTI, M. **História das ideias pedagógicas**. São Paulo: Editora Ática, 2003.
- GIULLIANO, Thomas (org.) **Desconstruindo Paulo Freire**. Porto Alegre: 2017.
- KOHAN, W. **Paulo Freire mais do que nunca: uma biografia filosófica**. Belo Horizonte: Editora Vestígio, 2019.
- IRWIN, J. **Paulo Freire's Philosophy of Education: origins, developments, impacts and legacies**. London: Continuum, 2012.
- MOIX, C. **O pensamento de Emmanuel Mounier**. Rio de Janeiro: Editora Paz e Terra, 1968.
- MOUNIER, E. **O compromisso da Fé**. São Paulo: Duas Cidades, 1971.
- MOUNIER, E. **Traite du Caractere**. (Euvres II. Paris: Édition du Seuil, 1962.
- MOUNIER, E. **Manifesto a Serviço do Personalismo**. Lisboa, Moraes, 1967.
- MOUNIER, E. **O personalismo**. Lisboa, Moraes, 1967.
- SCOCUGLIA, A. C. **A história das ideias de Paulo Freire e a atual crise de paradigmas**. João Pessoa: Editora Universitária – UFPB, 1997.
- SELL, C. E. **Sociologia clássica**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2013.
- SEVERINO, A. J. **A antropologia personalista de Emmanuel Mounier**. São Paulo: Saraiva, 1974.
- SOUZA, R. L. **O pensamento de Jacques Maritain e de Emmanuel Mounier no campo católico brasileiro e a educação libertadora de Paulo Freire**. Revista Brasileira de História, São Paulo, v. 39, n. 82, 2019.
- STRECK, D.; GHIGGI, G.; SILVEIRA, F. T. **Leituras de Paulo Freire: contribuições para o debate pedagógico contemporâneo**. Brasília, DF: Liber Livro, 2010.

STRECK, D.; REDIN, E.; ZITKOSKI, J. J. **Dicionário Paulo Freire**. Belo Horizonte: Autêntica, 2016.

Recebimento em: 08/03/2021.

Aceite em: 08/02/2023.